



ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL JOÃO SPADARI ADAMI

Unidade Banco de Memória Oral

Transcrição da entrevista com Júlio Maurício Sassi FG171

BR.RS.AHMJSA.BMO.01.04.009.SIN e TRA

Entrevistado/a: Júlio Maurício Sassi

Entrevistador/a/es: Sônia Storchi Fries, Susana Storchi Grigoletto e Tânia Tonet

Tema: Projeto Vozes da Terra

Data: 16 de junho de 1995

Local: Rádio São Francisco – Caxias do Sul

Síntese:

Origem familiar.

História de vida: Romano Lunardi.

Epidemia em Córsega: mortandade.

Imigração italiana: motivos, direções, estabelecimento em Caxias do Sul.

Transcrição:

Tânia: Nome?

Júlio: Júlio Maurício Sassi.

Tânia: Data de nascimento?

Júlio: Nove de julho de 1906.

Tânia: Seu Júlio, os seus pais ou seus avós vieram da Itália?

Júlio: Meus avós; os quatro avós vieram da Itália. Os meus pais, todos nasceram aqui em Caxias.

Tânia: Nasceram aqui.

Júlio: Então, temos de parte da minha mãe, Giuseppe Sassi, que veio da Itália pra cá com sua mulher Luiza e com os filhos Elisa, Vitório e Adele. Deve ter chegado a Caxias, naturalmente, naquela época era... Dante, né, entre os anos de 1880 e 1881. Aqui nasceram o meu pai, Adelino, e a minha tia, Angelina Sassi, que depois casou-se com o meu tio Comadulli. Com referência ao meu avô Romano Lunardi, pai da minha mãe Amábile, também chegou a Caxias entre 1875, 1880. Do matrimônio do meu avô, que casou depois de sua chegada aqui, nasceram oito filhos, dos quais cinco mulheres e três homens. Minha mãe, Amábile, primeira filha do meu avô Romano, casou com

meu pai Adelino. Aqui é curioso registrar alguma coisa sobre a minha mãe. A minha mãe nasceu trigêmea, e com ela dois irmãos que não sobreviveram. Meu pai faleceu no ano de 1948. Com relação ao meu avô Romano é interessante registrar um fato que se deu quando ele morava na Itália. Naquela época, a Itália, que se desligava do jugo austríaco, tinha, naturalmente, que passar por um período de crise. O fato de se encontrar trabalho na época não era fácil, mas na ilha de Córsega havia um chamado para..., para empregar trabalhadores que morassem na Itália, pra trabalharem na Córsega. Meu avô apresentou-se a uma empresa que fazia traslado de trabalhadores da Itália para a Córsega, e foi trabalhar na Córsega. Nesse período, na Córsega houve uma epidemia que dizimou grande parte da população. E a mortandade foi tal e tamanha que houve uma época que os cadáveres eram retirados das casas, ouviu, através de carroças, puxadas por animais que levavam a uma cova comum onde enterravam os defuntos. Numa dessas viagens, enquanto um coveiro se entregava à obra de jogar terra na vala comum, verificou que alguém mexeu um braço. Ele imediatamente correu para o ponto em que ele tinha visto aquele movimento e tirou de lá uma pessoa que estava na iminência de ser sepultada. Essa pessoa era o meu avô.

Tânia: Bah! Seu Júlio, o senhor lembra se seus avós lhe contarem por que eles vieram pra cá?

Júlio: Bom, em princípio a imigração italiana para o Brasil verificou-se em face da grande falta de trabalho que havia na Itália e, naturalmente, isto impeliu a muitas pessoas que queriam tentar uma sorte nova, ah... aproveitar a oportunidade de imigrar. Naquela época, a imigração italiana estava sendo dirigida para, não somente para o Brasil, mas também para os países da..., do Uruguai e da Argentina. Alguns foram diretamente para o Uruguai e Argentina e outros permaneceram no Rio de Janeiro. Esses que permaneceram no Rio de Janeiro foram, vieram depois para Porto Alegre e de Porto Alegre, por via fluvial, vieram até São Sebastião do Caí e dali vieram para a serra, onde se instalaram aqui.

Tânia: E o que eles contavam de como foi deixar o país de origem? Que sensação eles tinham?

Júlio: Bom, evidentemente, isso representou uma, uma dor muito forte de parte desses imigrantes, porque eles saíram, saíram da própria pátria pra ir tentar a sorte na América, que não se sabia o que era. E verificou-se mais tarde, depois que a imigração veio pra Caxias, mais tarde, quando essas pessoas, durante um largo período de tempo, conquistaram alguma posição econômica, mais ou menos razoável, alguns voltaram para a Itália. E entre esses o meu avô Giuseppe Sassi, voltou para a Itália, onde foi visitar os seus parentes e regressou novamente para Caxias, para, para o seu lar, viu o que havia abandonado para deixar, para visitar os seus parentes.

Tânia: Seu Júlio, e alguma coisa que o senhor lembra, que lhe contavam de como teria sido essa viagem, algum fato, se foi uma coisa difícil?...

Júlio: Bem, eu não posso lhe dizer isso pelo seguinte, porque quando eu conheci o meu avô, eu já tinha uma, já não, não era muito criança. Eu tinha já uns dez, ou doze anos, época em que eu fui, em que eu fui pra Porto Alegre, pra estudar em Porto Alegre. Lá eu fiquei durante quase doze anos, fazendo o meu curso no Instituto Dante Alighieri e, posteriormente, eu fiz o meu curso, tirei o meu vestibular para Medicina. Quer dizer que nesse período em que eu poderia ter ouvido alguma coisa dos meus avós, eu fiquei praticamente distanciado deles. Mas, uma coisa eu posso lhe dizer, que essa viagem da Itália pra cá, feita a bordo daqueles primeiros navios a vapor, que existiam naquela época, não foi fácil. Eles passaram realmente por momentos difíceis, né? Como, eu ouvi..., alguma coisa eu ouvi mais tarde sobre essas viagens, que eram feitas da Itália pra cá e, entre muitas coisas que contavam, contavam também fatos de pessoas que morriam, ouviu?, e que eram, que naturalmente eram sepultadas no próprio oceano, porque ali ah..., não havia, não havia cemitérios, não havia nada. E a viagem, naturalmente, durava de trinta a quarenta dias. De forma que essas..., essas pessoas que morreram foram sepultadas no oceano.

Tânia: E alguma coisa assim, seu Júlio, sobre os primeiros momentos aqui, como eles sentiam isso, como é que foi fazer essa vida nova, essa América?

Júlio: Veja bem, meu avô Romano, isso é uma história que eu ainda consegui..., consegui reter na memória. Ele me dizia o seguinte: “Olha, nós que viemos aqui, e que chegamos aqui, e que acampamos aqui no meio da floresta, naquela época apreciaram o gesto dele. Mas no meio do caminho houve um fato muito interessante. Logo após a saída de São Sebastião do Caí, depois de umas cinco ou seis horas de caminhada, ele chegou e disse: “Bom, tá na hora de eu descansar, porque senão, prosseguir durante a noite” - naquele tempo essa zona aqui era “empestada” de índios, né?- “e eu posso ser atacado por algum índio aí e eu vou me dar mal, o melhor é eu descansar aqui”. Então ele andou mais um pouco tal e coisa e avistou um cemitério. Avistou um cemitério e diz: “Olha, é aqui mesmo que eu vou dormir, porque eu acho que aqui ninguém me incomoda”. E de fato entrou no cemitério, deitou-se numa tumba que, numa tumba não, numa sepultura, onde tinha umas lajes de pedra e ele disse: “É aqui que eu vou dormir”. E deitou-se e, naturalmente, um homem daquela idade, com a estrutura física que ele tinha, adormeceu, né? Mas na madrugada, vinha vindo pela mesma direção, alguém que ia visitar alguém no cemitério. Não sei por que..., quando chegaram ali no lusco fusco da madrugada, viram que alguém se levantou, e eles naturalmente disseram: “Deve ser uma alma do outro mundo e fugiram” [risos]. Essa foi uma das peripécias pela qual ele passou durante a sua viagem.

Tânia: Tem mais alguma coisa, seu Júlio, que o senhor queira nos falar, da imigração, dos motivos da imigração e da viagem? Se tem mais alguma coisa?

Júlio: Não, não. Praticamente não teria, a não ser a lembrança dessas coisas que os meus avós contavam. Agora, há o seguinte, eu, há poucos dias, terminei de ler uma obra muito interessante aqui, que é a “Caxias e Origens”, que foi editada pelo doutor Mário Gardelin e o senhor Rovílio Costa. Aliás, uma coletânea de relatos da imigração italiana, verdadeiramente extraordinária. Isso..., o valor que isso terá para o futuro será inestimável, porque o Mário Gardelin, com a capacidade que ele teve de reunir esses fatos históricos, merece uma, uma soma de admiração incalculável. Isso, certamente, irá para a história de Caxias... E já está na história de Caxias, porque a coletânea de todos esses dados, pra mim, parece ter sido um trabalho simplesmente notável.

Tânia: Está certo. Eu acho que deu, né? Valeu, seu Júlio.

Sônia: Obrigada.

Transcrição em: Setembro de 1995.

Por: Sônia Storch Fries.

Revisão em: 28 de outubro de 2010, 19 de dezembro de 2024 e 11 de fevereiro de 2025.

Por: Sônia Storch Fries, Graciela Deon Rodrigues e Fabiana Zanandrea.

Duração: 12 minutos.

Observação: